

ILHA DOS AMORES

L U Í S   D E   C A M Õ E S

OS LUSÍADAS

# ILHA DOS AMORES

DA ESTÂNCIA 18 DO CANTO IX

À ESTÂNCIA 143 DO CANTO X

*Leitura de*

ÁLVARO JÚLIO DA COSTA PIMPÃO





© 1996, Parque EXPO 98, S.A.

As Estâncias 10 a 95 do Canto IX e as Estâncias 1 a 143 do Canto X, aqui publicadas, foram extraídas da edição de *Os Lusíadas* do Instituto Camões, que gentilmente autorizou a sua publicação.

**Ilustração e Design**  
Luís Filipe Cunha

**Tiragem**  
5000 exemplares

**Composição**  
Fotocompográfica

**Seleção de Cor**  
Graflsels

**Impressão e Acabamento**  
Printer Portuguesa

**Depósito Legal**  
100 902/96  
**ISBN**  
972-8127-35-9  
Lisboa, Julho de 1996

- 18 Porém a Deusa Cípria, que ordenada  
Era, pera favor dos Lusitanos,  
Do Padre Eterno, e por bom génio dada,  
Que sempre os guia já de longos anos,  
A glória por trabalhos alcançada,  
Satisfação de bem sofridos danos,  
Lhe andava já ordenando, e pretendia  
Dar-lhe nos mares tristes, alegria.
- 19 Depois de ter um pouco revolvido  
Na mente o largo mar que navegaram,  
Os trabalhos que pelo Deus nascido  
Nas Anfiónias Tebas se causaram,  
Já trazia de longe no sentido,  
Pera prémio de quanto mal passaram,  
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso,  
No Reino de cristal, líquido e manso;
- 20 Algum repouso, enfim, com que pudesse  
Refocilar a lassa humanidade  
Dos navegantes seus, como interesse  
Do trabalho que encurta a breve idade.  
Parece-lhe razão que conta desse  
A seu filho, por cuja potestade  
Os Deuses faz decer ao vil terreno  
E os humanos subir ao Céu sereno.

- 21 Isto bem revolvido, determina  
De ter-lhe aparelhada, lá no meio  
Das águas, algũa ínsula divina,  
Ornada d' esmaltado e verde arreo;  
Que muitas tem no reino que confina  
Da primeira co terreno seio,  
Afora as que possui soberanas  
Pera dentro das portas Herculanas.
- 22 Ali quer que as aquáticas donzelas  
Esperem os fortíssimos barões  
(Todas as que têm título de belas,  
Glória dos olhos, dor dos corações)  
Com danças e coreias, porque nelas  
Influirá secretas afeições,  
Pera com mais vontade trabalharem  
De contentar a quem se afeioarem.
- 23 Tal manha buscou já pera que aquele  
Que de Anquises pariu, bem recebido  
Fosse no campo que a bovina pele  
Tomou de espaço, por sutil partido.  
Seu filho vai buscar, porque só nele  
Tem todo seu poder, fero Cupido,  
Que, assi como naquela empresa antiga  
A ajudou já, nestoutra a ajude e siga.

- 24 No carro ajunta as aves que na vida  
Vão da morte as exéquias celebrando,  
E aquelas em que já foi convertida  
Perístera, as boninas apanhando;  
Em derredor da Deusa, já partida,  
No ar lascivos beijos se vão dando;  
Ela, por onde passa, o ar e o vento  
Serenos faz, com brandos movimentos.
- 25 Já sobre os Idálios montes pende,  
Onde o filho frecheiro estava então,  
Ajuntando outros muitos, que pretende  
Fazer uma famosa expedição  
Contra o mundo rebelde, por que emende  
Erros grandes que há dias nele estão,  
Amorosas cousas que nos foram dadas,  
Não para ser amadas, mas usadas.
- 26 Via Actéon na caça tão austero,  
De cego na alegria bruta, insana,  
Que, por seguir um feio animal fero,  
Foge da gente e bela forma humana;  
E por castigo quer, doce e severo,  
Mostrar-lhe a fermosura de Diana.  
(E guarde-se não seja ainda comido  
Desses cães que agora ama, e consumido).

- 27 E vê do mundo todo os principais  
Que nenhum no bem púbrico imagina;  
Vê neles que não têm amor a mais  
Que a si somente, e a quem Filáucia ensina;  
Vê que esses que frequentam os reais  
Paços, por verdadeira e sã doutrina  
Vendem adulação, que mal consente  
Mondar-se o novo trigo florecente.
- 28 Vê que aqueles que devem à pobreza  
Amor divino, e ao povo caridade,  
Amam somente mandos e riqueza,  
Simulando justiça e integridade;  
Da feia tirania e de aspereza  
Fazem direito e vã severidade;  
Leis em favor do Rei se estabelecem,  
As em favor do povo só perecem.
- 29 Vê, enfim, que ninguém ama o que deve,  
Senão o que somente mal deseje.  
Não quer que tanto tempo se releve  
O castigo que duro e justo seja.  
Seus ministros ajunta, por que leve  
Exércitos conformes à peleja  
Que espera ter co a mal regida gente  
Que lhe não for agora obediente.

- 30 Muitos destes mininos voadores  
Estão em várias obras trabalhando:  
Uns amolando ferros passadores,  
Outros hásteas de setas delgaçando.  
Trabalhando, cantando estão de amores,  
Vários casos em verso modulando;  
Melodia sonora e concertada,  
Suave a letra, angélica a soada.
- 31 Nas fráguas imortais onde forjavam  
Pera as setas as pontas penetrantes,  
Por lenha corações ardendo estavam,  
Vivas entranhas inda palpitantes;  
As águas onde os ferros temperavam,  
Lágrimas são de míseros amantes;  
A viva flama, o nunca morto lume,  
Desejo é só que queima e não consume.
- 32 Alguns exercitando a mão andavam  
Nos duros corações da plebe ruda;  
Crebros suspiros pelo ar soavam  
Dos que feridos vão da seta aguda.  
Fermosas Ninfas são as que curavam  
As chagas recebidas, cuja ajuda  
Não somente dá vida aos mal feridos,  
Mas põe em vida os inda não nascidos.

- 33 Fermosas são algúas e outras feias,  
Segundo a qualidade for das chagas,  
Que o veneno espalhado pelas veias  
Curam-no às vezes ásperas triagas.  
Alguns ficam ligadas em cadeias  
Por palavras sutis de sábias magas;  
Isto acontece às vezes, quando as setas  
Acertam de levar ervas secretas.
- 34 Destes tiros assi desordenados,  
Que estes moços mal destros vão tirando,  
Nascem amores mil desconcertados  
Entre o povo ferido miserando;  
E também nos heróis de altos estados  
Exemplos mil se vêm de amor nefando,  
Qual o das moças Bíbli e Cinireia,  
Um mancebo de Assíria, um de Judeia.
- 35 E vós, ó poderosos, por pastoras  
Muitas vezes ferido o peito vedes;  
E por baixos e rudos, vós, senhoras,  
Também vos tomam nas Vulcâneas redes.  
Uns esperando andais nocturnas horas,  
Outros subis telhados e paredes;  
Mas eu creio que deste amor indino  
É mais culpa a da mãe que a do minino.

- 36 Mas já no verde prado o carro leve  
Punham os brancos cisnes mansamente;  
E Dione, que as rosas entre a neve  
No rosto traz, decia diligente.  
O frecheiro que contra o Céu se atreve  
A recebê-la vem, lendo e contente;  
Vêm todos os Cupidos servidores  
Beijar a mão à Deusa dos amores.
- 37 Ela, por que não gaste o tempo em vão,  
Nos braços tendo o filho, confiada  
Lhe diz: — «Amado filho, em cuja mão  
Toda minha potência está fundada;  
Filho, em quem minhas forças sempre estão,  
Tu, que as armas Tifeias tens em nada,  
A socorrer-me a tua potestade  
Me traz especial necessidade.
- 38 «Bem vês as Lusitânicas fadigas,  
Que eu já de muito longe favoreço,  
Porque das Parcas sei, minhas amigas,  
Que me hão-de venerar e ter em preço.  
E porque tanto imitam as antigas  
Obras de meus Romanos, me ofereço  
A lhe dar tanta ajuda, em quanto posso,  
A quanto se estender o poder nosso.

- 39 «E porque das insídias do odioso  
Baco foram na Índia molestados,  
E das injúrias sós do mar undoso  
Puderam mais ser mortos que cansados,  
No mesmo mar, que sempre temeroso  
Lhe foi, quero que sejam repousados,  
Tomando aquele prémio e doce glória  
Do trabalho que faz clara a memória.
- 40 «E pera isso queria que, feridas  
As filhas de Nereu no ponto fundo,  
D' amor dos Lusitanos incendidas  
Que vêm de descobrir o novo mundo,  
Todas núa ilha juntas e subidas,  
(Ilha que nas entranhas do profundo  
Oceano terei aparelhada,  
De dões de Flora e Zéfiro adornada);
- 41 «Ali, com mil refrescos e manjares,  
Com vinhos odoríferos e rosas,  
Em cristalinos paços singulares,  
Fermosos leitos, e elas mais fermosas;  
Enfim, com mil deleites não vulgares,  
Os esperem as Ninfas amorosas,  
D' amor feridas, pera lhe entregarem  
Quanto delas os olhos cobiçarem.

- 42 «Quero que haja no reino Neptunino,  
Onde eu nasci, progénie forte e bela;  
E tome exemplo o mundo vil, malino,  
Que contra tua potência se rebela,  
Por que entendam que muro Adamantino  
Nem triste hipocrisia val contra ela;  
Mal haverá na terra quem se guarde  
Se teu fogo imortal nas águas arde.»
- 43 Assi Vénus propôs; e o filho inico,  
Pera lhe obedecer, já se apercebe:  
Manda trazer o arco ebúrneo rico,  
Onde as setas de ponta de ouro embebe.  
Com gesto ledado a Cípria, e impudico,  
Dentro no carro o filho seu recebe;  
A rédea larga às aves cujo canto  
A Faetonteia morte chorou tanto.
- 44 Mas diz Cupido que era necessária  
Ûa famosa e célebre terceira,  
Que, posto que mil vezes lhe é contrária,  
Outras muitas a tem por companheira:  
A Deusa Giganteia, temerária,  
Jactante, mentirosa e verdadeira,  
Que com cem olhos vê, e, por onde voa,  
O que vê, com mil bocas apregoa.

- 45 Vão-a buscar e mandam-a diante,  
Que celebrando vá com tuba clara  
Os louvores da gente navegante,  
Mais do que nunca os d' outrem celebrara.  
Já, murmurando, a Fama penetrante  
Pelas fundas cavernas se espalhara;  
Fala verdade, havia por verdade,  
Que junto a Deusa traz Credulidade.
- 46 O louvor grande, o rumor excelente,  
No coração dos Deuses que indinados  
Foram por Baco contra a ilustre gente,  
Mudando, os fez um pouco afeiçoados.  
O peito feminino, que levemente  
Muda quaisquer propósitos tomados,  
Já julga por mau zelo e por crueza  
Desejar mal a tanta fortaleza.
- 47 Despede nisto o fero moço as setas,  
Ūa após outra: geme o mar cos tiros;  
Direitas pelas ondas inquietas  
Algũas vão, e algũas fazem giros;  
Caem as Ninfas, lançam das secretas  
Entranhas ardentíssimos suspiros;  
Cai qualquer, sem ver o vulto que ama,  
Que tanto como a vista pode a fama.

48 Os cornos ajuntou da ebúrnea Lũa,  
Com força, o moço indómito, excessiva,  
Que Tétis quer ferir mais que nenhũa,  
Porque mais que nenhũa lhe era esquivã.  
Já não fica na aljava seta algũa,  
Nem nos equóreos campos Ninfa viva;  
E se, feridas, inda estão vivendo,  
Será pera sentir que vão morrendo.

49 Dai lugar, altas e cerúleas ondas,  
Que, vedes, Vénus traz a medicina,  
Mostrando as brancas velas e redondas,  
Que vêm por cima da água Neptunina.  
Pera que tu recíproco respondas,  
Ardente Amor, à flama feminina,  
É forçado que a pudicícia honesta  
Faça quanto lhe Vénus amoesta.

50 Já todo o belo coro se aparelha  
Das Nereidas, e junto caminhava  
Em coreias gentis, usança velha,  
Pera a ilha a que Vénus as guiava.  
Ali a fermosa Deusa lhe aconselha  
O que ela fez mil vezes, quando amava;  
Elas, que vão do doce amor vencidas,  
Estão a seu conselho oferecidas.

- 51 Cortando vão as naus a larga via  
Do mar ingente pera a pátria amada,  
Desejando prover-se de água fria  
Pera a grande viagem prolongada,  
Quando, juntas, com súbita alegria,  
Houveram vista da Ilha namorada,  
Rompendo pelo céu a mãe formosa  
De Menónio, suave e deleitosa.
- 52 De longe a Ilha viram, fresca e bela,  
Que Vénus pelas ondas lha levava  
(Bem como o vento leva branca vela)  
Pera onde a forte armada se enxergava;  
Que, por que não passassem, sem que nela  
Tomassem porto, como desejava,  
Pera onde as naus navegam a movia  
A Acidália, que tudo, enfim, podia.
- 53 Mas firme a fez e imóvel, como viu  
Que era dos Nautas vista e demandada,  
Qual ficou Delos, tanto que pariu  
Latona Febo e a Deusa à caça usada.  
Pera lá logo a proa o mar abriu,  
Onde a costa fazia úa enseada  
Curva e quieta, cuja branca areia  
Pintou de ruivas conchas Citereia.

- 54 Três fermosos outeiros se mostravam,  
Erguidos com soberba graciosa,  
Que de gramíneo esmalte se adornavam,  
Na fermosa Ilha, alegre e deleitosa.  
Claras fontes e límpidas manavam  
Do cume, que a verdura tem viçosa;  
Por entre pedras alvas se deriva  
A sonora linfa fugitiva.
- 55 Num vale ameno, que os outeiros fende,  
Vinham as claras águas ajuntar-se,  
Onde úa mesa fazem, que se estende  
Tão bela quanto pode imaginar-se.  
Arvoredo gentil sobre ela pende,  
Como que pronto está pera afeitar-se,  
Vendo-se no cristal resplandecente,  
Que em si o está pintando propriamente.
- 56 Mil árvores estão ao céu subindo,  
Com pomos odoríferos e belos;  
A laranjeira tem no fruto lindo  
A cor que tinha Dafne nos cabelos.  
Encosta-se no chão, que está caindo,  
A cidreira cos pesos amarelos;  
Os fermosos limões ali cheirando,  
Estão virgíneas tetas imitando.

- 57 As árvores agrestes, que os outeiros  
Têm com frondente coma ennobrecidos,  
Álemos são de Alcides, e os loureiros  
Do louro Deus amados e queridos;  
Mirtos de Citereia, cos pinheiros  
De Cibele, por outro amor vencidos;  
Está apontado o agudo cipariso  
Pera onde é posto o etéreo Paraíso.
- 58 Os dões que dá Pomona ali Natura  
Produze, diferentes nos sabores,  
Sem ter necessidade de cultura,  
Que sem ela se dão muito milhores:  
As cereijas, purpúreas na pintura,  
As amoras, que o nome têm de amores,  
O pomo que da pátria Pérsia veio,  
Milhor tornado no terreno alheio;
- 59 Abre a romá, mostrando a rubicunda  
Cor, com que tu, rubi, teu preço perdes;  
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda  
Vide, cuns cachos roxos e outros verdes;  
E vós, se na vossa árvore fecunda,  
Peras piramidais, viver quiserdes,  
Entregai-vos ao dano que cos bicos  
Em vós fazem os pássaros inicos.

- 60 Pois a tapeçaria bela e fina  
Com que se cobre o rústico terreno,  
Faz ser a de Aqueménia menos dina,  
Mas o sombrio vale mais ameno.  
Ali a cabeça a flor Cifisia inclina  
Sôbolo tanque lúcido e sereno;  
Florece o filho e neto de Ciniras,  
Por quem tu, Deusa Páfia, inda suspiras.
- 61 Pera julgar, difícil cousa fora,  
No céu vendo e na terra as mesmas cores,  
Se dava às flores cor a bela Aurora,  
Ou se Iha dão a ela as belas flores.  
Pintando estava ali Zéfiro e Flora  
As violas da cor dos amadores,  
O lírio roxo, a fresca rosa bela,  
Qual reluze nas faces da donzela;
- 62 A cândida cecém, das matutinas  
Lágrimas rociada, e a manjerona;  
Vêm-se as letras nas flores Hiacintinas,  
Tão queridas do filho de Latona.  
Bem se enxerga nos pomos e boninas  
Que competia Clóris com Pomona.  
Pois, se as aves no ar cantando voam,  
Alegres animais o chão povoam.

- 63 Ao longo da água o níveo cisne canta;  
Responde-lhe do ramo filomela;  
Da sombra de seus cornos não se espanta  
Acteon n' água cristalina e bela.  
Aqui a fugace lebre se levanta  
Da espessa mata, ou tímida gazela;  
Ali no bico traz ao caro ninho  
O mantimento o leve passarinho.
- 64 Nesta frescura tal desembarcavam  
Já das naus os segundos Argonautas,  
Onde pela floresta se deixavam  
Andar as belas Deusas, como incautas.  
Algũas, doces cítaras tocavam;  
Algũas, harpas e sonoras frautas;  
Outras, cos arcos de ouro, se fingiam  
Seguir os animais, que não seguiam.
- 65 Assi lho aconselhara a mestra experta:  
Que andassem pelos campos espalhadas;  
Que, vista dos barões a presa incerta,  
Se fizessem primeiro desejadas.  
Algũas que na forma descoberta  
Do belo corpo estavam confiadas,  
Posta a artificiosa fermosura,  
Nuas lavar se deixam na água pura.

- 66 Mas os fortes mancebos, que na praia  
Punham os pés, de terra cobiçosos  
(Que não há nenhum deles que não saia),  
De acharem caça agreste desejosos,  
Não cuidam que, sem laço ou redes, caia  
Caça naqueles montes deleitosos,  
Tão suave, doméstica e benina,  
Qual ferida Iha tinha já Ericina.
- 67 Alguns, que em espingardas e nas bestas  
Pera ferir os cervos, se fiavam,  
Pelos sombrios matos e florestas  
Determinadamente se lançavam;  
Outros, nas sombras, que de as altas sestas  
Defendem a verdura, passeavam  
Ao longo da água, que, suave e queda,  
Por alvas pedras corre à praia leda.
- 68 Começam de enxergar subitamente,  
Por entre verdes ramos, várias cores,  
Cores de quem a vista julga e sente  
Que não eram das rosas ou das flores,  
Mas da lâ fina e seda diferente,  
Que mais incita a força dos amores,  
De que se vestem as humanas rosas,  
Fazendo-se por arte mais fermosas.

- 69 Dá Veloso, espantado, um grande grito:  
— «Senhores, caça estranha (disse) é esta!  
Se inda dura o Gentio antigo rito,  
A Deusas é sagrada esta floresta.  
Mais descobrimos do que humano espirito  
Desejou nunca, e bem se manifesta  
Que são grandes as cousas e excelentes  
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.
- 70 «Sigamos estas Deusas e vejamos  
Se fantásticas são, se verdadeiras.»  
Isto dito, veloces mais que gamos,  
Se lançam a correr pelas ribeiras.  
Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos,  
Mas, mais industriosas que ligeiras,  
Pouco a pouco, sorrindo e gritos dando,  
Se deixam ir dos galgos alcançando.
- 71 De ùa os cabelos de ouro o vento leva,  
Correndo, e da outra as fraldas delicadas;  
Acende-se o desejo, que se ceva  
Nas alves carnes, súbito mostradas.  
Ûa de indústria cai, e já relewa,  
Com mostras mais macias que indinadas,  
Que sobre ela, empecendo, também caia  
Quem a seguiu pela arenosa praia.

- 72 Outros, por outra parte, vão topar  
Com as Deusas despidas, que se lavam;  
Elas começam súbito a gritar,  
Como que assalto tal não esperavam;  
Ôas, fingindo menos estimar  
A vergonha que a força, se lançavam  
Nuas por entre o mato, aos olhos dando  
O que às mãos cobiçosas vão negando;
- 73 Outra, como acudindo mais depressa  
À vergonha da Deusa caçadora,  
Esconde o corpo n' água; outra se apressa  
Por tomar os vestidos que tem fora.  
Tal dos mancebos há que se arremessa,  
Vestido assi e calçado (que, co a mora  
De se despir, há medo que inda tarde)  
A matar na água o fogo que nele arde.
- 74 Qual cão de caçador, sagaz e ardido,  
Usado a tomar na água a ave ferida,  
Vendo [ò] rosto o férreo cano erguido  
Pera a garcena ou pata conhecida,  
Antes que soe o estouro, mal sofrido  
Salta n' água e da presa não duvida,  
Nadando vai e latindo: assi o mancebo  
Remete à que não era irmã de Febo.

- 75 Leonardo, soldado bem disposto,  
Manhoso, cavaleiro e namorado,  
A quem Amor não dera um só desgosto  
Mas sempre fora dele mal tratado,  
E tinha já por firme prosluposto  
Ser com amores mal afortunado,  
Porém não que perdesse a esperança  
De inda poder seu fado ter mudança,
- 76 Quis aqui sua ventura que corria  
Após Efire, exemplo de beleza,  
Que mais caro que as outras dar queria  
O que deu, pera dar-se, a natureza.  
Já cansado, correndo, lhe dizia:  
— «Ó fermosura indina de aspereza,  
Pois desta vida te concedo a palma,  
Espera um corpo de quem levas a alma!
- 77 «Todas de correr cansam, Ninfa pura,  
Rendendo-se à vontade do inimigo;  
Tu só de mi só foges na espessura?  
Quem te disse que eu era o que te sigo?  
Se to tem dito já aquela ventura  
Que em toda a parte sempre anda comigo,  
Oh, não na creias, porque eu, quando a cria,  
Mil vezes cada hora me mentia.

- 78 «Não canses, que me cansas! E se queres  
Fugir-me, por que não possa tocar-te,  
Minha ventura é tal que, inda que esperes,  
Ela fará que não possa alcançar-te.  
Espera; quero ver, se tu quiseses,  
Que sutil modo busca de escapar-te;  
E notarás, no fim deste sucesso,  
'Tra la spica e la man qual muro he messo.'
- 79 «Oh! Não me fujas! Assi nunca o breve  
Tempo fuja de tua fermosura;  
Que, só com refrear o passo leve,  
Vencerás da fortuna a força dura.  
Que Imperador, que exército se atreve  
A quebrantar a fúria da ventura  
Que, em quanto desejei, me vai seguindo,  
O que tu só farás não me fugindo?
- 80 «Pões-te da parte da desdita minha?  
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.  
Levas-me um coração que livre tinha?  
Solta-mo e correrás mais levemente.  
Não te carrega essa alma tão mesquinha  
Que nesses fios de ouro reluzente  
Atada levas? Ou, depois de presa,  
Lhe mudaste a ventura e menos pesa?

- 81 «Nesta esperança só te vou seguindo:  
Que ou tu não sofrerás o peso dela,  
Ou na virtude de teu gesto lindo  
Lhe mudarás a triste e dura estrela.  
E se se lhe mudar, não vás fugindo,  
Que Amor se ferirá, gentil donzela,  
E tu me esperarás, se Amor te fere;  
E se me esperas, não há mais que espere.»
- 82 Já não fugia a bela Ninfa tanto,  
Por se dar cara ao triste que a seguia,  
Como por ir ouvindo o doce canto,  
As namoradas mágoas que dizia.  
Volvendo o rosto, já sereno e santo,  
Toda banhada em riso e alegria,  
Cair se deixa aos pés do vencedor,  
Que todo se desfaz em puro amor.
- 83 Oh, que famintos beijos na floresta,  
E que mimoso choro que soava!  
Que afagos tão suaves! Que ira honesta,  
Que em risinhos alegres se tornava!  
O que mais passam na manhã e na sesta,  
Que Vénus com prazeres inflamava,  
Milhor é experimentá-lo que julgá-lo;  
Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo.

- 84 Destarte, enfim, conformes já as fermosas  
Ninfas cos seus amados navegantes,  
Os ornam de capelas deleitosas  
De louro e de ouro e flores abundantes.  
As mãos alvas lhe davam como esposas;  
Com palavras formais e estipulantes  
Se prometem eterna companhia,  
Em vida e morte, de honra e alegria.
- 85 Ûa delas, maior, a quem se humilha  
Todo o coro das Ninfas e obedece,  
Que dizem ser de Celo e Vesta filha,  
O que no gesto belo se parece,  
Enchendo a terra e o mar de maravilha,  
O capitão ilustre, que o merece,  
Recebe ali com pompa honesta e régia,  
Mostrando-se senhora grande e egrégia.
- 86 Que, depois de lhe ter dito quem era,  
Cum alto exórdio, de alta graça ornado,  
Dando-lhe a entender que ali viera  
Por alta influição do imóbil fado,  
Pera lhe descobrir da unida esfera  
Da terra imensa e mar não navegado  
Os segredos, por alta profecia,  
O que esta sua nação só merecia,

87 Tomando-o pela mão, o leva e guia  
Pera o cume dum monte alto e divino,  
No qual úa rica fábrica se erguia,  
De cristal toda e de ouro puro e fino.  
A maior parte aqui passam do dia,  
Em doces jogos e em prazer contino.  
Ela nos paços logra seus amores,  
As outras pelas sombras, entre as flores.

88 Assi a fermosa e a forte companhia  
O dia quási todo estão passando  
Núa alma, doce, incógnita alegria,  
Os trabalhos tão longos compensando.  
Porque dos feitos grandes, da ousadia  
Forte e famosa, o mundo está guardando  
O prémio lá no fim, bem merecido,  
Com fama grande e nome alto e subido.

89 Que as Ninfas do Oceano, tão fermosas,  
Tétis e a Ilha angélica pintada,  
Outra cousa não é que as deleitosas  
Honras que a vida fazem sublimada.  
Aquelas preminências gloriosas,  
Os triunfos, a fronte coroadada  
De palma e louro, a glória e maravilha,  
Estes são os deleites desta Ilha.

- 90 Que as imortalidades que fingia  
A antiguidade, que os Ilustres ama,  
Lá no estelante Olimpo, a quem subia  
Sobre as asas ínclitas da Fama,  
Por obras valerosas que fazia,  
Pelo trabalho imenso que se chama  
Caminho da virtude, alto e fragoso,  
Mas, no fim, doce, alegre e deleitoso,
- 91 Não eram senão prémios que reparte,  
Por feitos imortais e soberanos,  
O mundo cos varões que esforço e arte  
Divinos os fizeram, sendo humanos.  
Que Júpiter, Mercúrio, Febo e Marte,  
Eneas e Quirino e os dous Tebanos,  
Ceres, Palas e Juno com Diana,  
Todos foram de fraca carne humana.
- 92 Mas a Fama, trombeta de obras tais,  
Lhe deu no Mundo nomes tão estranhos  
De Deuses, Semideuses, Imortais,  
Indígetes, Heróicos e de Magnos.  
Por isso, ó vós que as famas estimais,  
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,  
Despertai já do sono do ócio ignavo,  
Que o ânimo, de livre, faz escravo.

- 93 E ponde na cobiça um freio duro,  
E na ambição também, que indignadamente  
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro  
Vício da tirania infame e urgente;  
Porque essas honras vãs, esse ouro puro,  
Verdadeiro valor não dão à gente:  
Milhor é merecê-los sem os ter,  
Que possuí-los sem os merecer.
- 94 Ou dai na paz as leis iguais, constantes,  
Que aos grandes não dêem o dos pequenos,  
Ou vos vesti nas armas rutilantes,  
Contra a lei dos imigos Sarracenos:  
Fareis os Reinos grandes e possantes,  
E todos tereis mais e nenhum menos:  
Possuireis riquezas merecidas,  
Com as honras que ilustram tanto as vidas.
- 95 E fareis claro o Rei que tanto amais,  
Agora cos conselhos bem cuidados,  
Agora co as espadas, que imortais  
Vos farão, como os vossos já passados.  
Impossibilidades não façais,  
Que quem quis, sempre pôde; e numerados  
Sereis entre os Heróis esclarecidos  
E nesta «Ilha de Vénus» recebidos.

- 1 Mas já o claro amator da Larisseia  
Adúltera inclinava os animais  
Lá pera o grande lago que rodeia  
Temistitão, nos fins Ocidentais;  
O grande ardor do Sol Favónio enfreia  
Co sopro que nos tanques naturais  
Encrespa a água serena e despertava  
Os lírios e jasmins, que a calma agrava,
  
- 2 Quando as formosas Ninfas, cos amantes  
Pela mão, já conformes e contentes,  
Subiam pera os paços radiantes  
E de metais ornados reluzentes,  
Mandados da Rainha, que abundantes  
Mesas d' altos manjares excelentes  
Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza  
Restaurem da cansada natureza.
  
- 3 Ali, em cadeiras ricas, cristalinas,  
Se assentam dous e dous, amante e dama;  
Noutras, à cabeceira, d' ouro finas,  
Está co a bela Deusa o claro Gama.  
De iguarias suaves e divinas,  
A quem não chega a Egípcia antiga fama,  
Se acumulam os pratos de fulvo ouro,  
Trazidos lá do Atlântico tesouro.

- 4 Os vinhos odoríferos, que acima  
Estão não só do Itálico Falerno  
Mas da Ambrósia, que Jove tanto estima  
Com todo o ajuntamento sempiterno,  
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,  
Crespas escumas erguem, que no interno  
Coração movem súbita alegria,  
Saltando co a mistura d' água fria.
- 5 Mil práticas alegres se tocavam;  
Risos doces, sutis e argutos ditos,  
Que entre um e outro manjar se levantavam,  
Despertando os alegres apetitos;  
Músicos instrumentos não faltavam  
(Quais, no profundo Reino, os nus espíritos  
Fizeram descansar da eterna pena)  
Cua voz dua angélica Sirena.
- 6 Cantava a bela Ninfa, e cos acentos,  
Que pelos altos paços vão soando,  
Em consonância igual, os instrumentos  
Suaves vêm a um tempo conformando.  
Um súbito silêncio enfreia os ventos  
E faz ir docemente murmurando  
As águas, e nas casas naturais  
Adormecer os brutos animais.

- 7 Com doce voz está subindo ao Céu  
Altos varões que estão por vir ao mundo,  
Cujas claras Ideias viu Proteu  
Num globo vão, diáfano, rotundo,  
Que Júpiter em dom lho concedeu  
Em sonhos, e depois no Reino fundo,  
Vaticinando, o disse, e na memória  
Recolheu logo a Ninfa a clara história.
- 8 Matéria é de coturno, e não de soco,  
A que a Ninfa aprendeu no imenso lago;  
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,  
Entre os Feaces um, outro em Cartago.  
Aqui, minha Calíope, te invoco  
Neste trabalho extremo, por que em pago  
Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo,  
O gosto de escrever, que vou perdendo.
- 9 Vão os anos decendo, e já do Estio  
Há pouco que passar até o Outono;  
A Fortuna me faz o engenho frio,  
Do qual já não me jacto nem me abono;  
Os desgostos me vão levando ao rio  
Do negro esquecimento e eterno sono.  
Mas tu me dá que cumpra, ó grão rainha  
Das Musas, co que quero à nação minha!

- 10 Cantava a bela Deusa que viriam  
Do Tejo, pelo mar que o Gama abrira,  
Armadas que as ribeiras venceriam  
Por onde o Oceano Índico suspira;  
E que os Gentios Reis que não dariam  
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira  
Provariam do braço duro e forte,  
Até render-se a ele ou logo à morte.
- 11 Cantava dum que tem nos Malabares  
Do sumo sacerdócio a dignidade,  
Que, só por não quebrar cos singulares  
Barões os nós que dera d' amizade,  
Sofrerá suas cidades e lugares,  
Com ferro, incêndios, ira e crueldade,  
Ver destruir do Samorim potente,  
Que tais ódios terá co a nova gente.
- 12 E canta como lá se embarcaria  
Em Belém o remédio deste dano,  
Sem saber o que em si ao mar traria,  
O grão Pacheco, Aquiles Lusitano.  
O peso sentirão, quando entraria,  
O curvo lenho e o férvido Oceano,  
Quando mais n' água os troncos que gemerem  
Contra sua natureza se meterem.

- 13 Mas, já chegado aos fins Orientais  
E deixado em ajuda do gentio  
Rei de Cochim, com poucos naturais,  
Nos braços do salgado e curvo rio  
Desbaratará os Naires infernais  
No passo Cambalão, tornando frio  
D' espanto o ardor imenso do Oriente,  
Que verá tanto obrar tão pouca gente.
- 14 Chamará o Samorim mais gente nova;  
Virão Reis [de] Bipur e de Tanor,  
Das serras de Narsinga, que alta prova  
Estarão prometendo a seu senhor;  
Fará que todo o Naire, enfim, se mova  
Que entre Calecu jaz e Cananor,  
D' ambas as Leis imigas pera a guerra:  
Mouros por mar, Gentios pola terra.
- 15 E todos outra vez desbaratando,  
Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,  
A grande multidão que irá matando  
A todo o Malabar terá admirado.  
Cometerá outra vez, não dilatando,  
O Gentio os combates, apressado,  
Injuriando os seus, fazendo votos  
Em vão aos Deuses vãos, surdos e imotos.

16 Já não defenderá somente os passos,  
Mas queimar-lhe-á lugares, templos, casas;  
Aceso de ira, o Cão, não vendo lassos  
Aqueles que as cidades fazem rasas,  
Fará que os seus, de vida pouco escassos,  
Cometam o Pacheco, que tem asas,  
Por dous passos num tempo, mas voando  
Dum noutro, tudo irá desbaratando.

17 Virá ali o Samorim, por que em pessoa  
Veja a batalha e os seus esforce e anime;  
Mas um tiro, que com zunido voa,  
De sangue o tingirá no andor sublime.  
Já não verá remédio ou manha boa  
Nem força que o Pacheco muito estime;  
Inventará traições e vãos venenos,  
Mas sempre (o Céu querendo) fará menos.

18 Que tornará a vez sétima (cantava)  
Pelejar co invicto e forte Luso,  
A quem nenhum trabalho pesa e agrava;  
Mas, contudo, este só o fará confuso.  
Trará pera a batalha, horrenda e brava,  
Máquinas de madeiros fora de uso,  
Pera lhe abalroar as caravelas,  
Que até' li vão lhe fora cometê-las.

- 19 Pela água levará serras de fogo  
Pera abrasar-lhe quanta armada tenha;  
Mas a militar arte e engenho logo  
Fará ser vâ a braveza com que venha.  
— «Nenhum claro barão no Márcio jogo,  
Que nas asas da Fama se sustenha,  
Chega a este, que a palma a todos toma.  
E perdoe-me a ilustre Grécia ou Roma.
- 20 «Porque tantas batalhas, sustentadas  
Com muito pouco mais de cem soldados,  
Com tantas manhas e artes inventadas,  
Tantos Cães não imbeles profligados,  
Ou parecerão fábulas sonhadas,  
Ou que os celestes Coros, invocados,  
Decerão a ajudá-lo e lhe darão  
Esforço, força, ardil e coração.
- 21 «Aquele que nos campos Maratónios  
O grão poder de Dário estrei e rende,  
Ou quem, com quatro mil Lacedemónios,  
O passo de Termópilas defende,  
Nem o mancebo Cocles dos Ausónios,  
Que com todo o poder Tusco contende  
Em defesa da ponte, ou Quinto Fábio,  
Foi como este na guerra forte e sábio.»

- 22 Mas neste passo a Ninfa, o som canoro  
Abaxando, fez ronco e entristecido,  
Cantando em baixa voz, envolta em choro,  
O grande esforço mal agardecido.  
— «Ó Belisário (disse) que no coro  
Das Musas serás sempre engrandecido,  
Se em ti viste abatido o bravo Marte,  
Aqui tens com quem podes consolar-te!
- 23 «Aqui tens companheiro, assi nos feitos  
Como no galardão injusto e duro;  
Em ti e nele veremos altos peitos  
A baxo estado vir, humilde e escuro.  
Morrer nos hospitais, em pobres leitos,  
Os que ao Rei e à Lei servem de muro!  
Isto fazem os Reis cuja vontade  
Manda mais que a justiça e que a verdade.
- 24 «Isto fazem os Reis quando embebidos  
Núa aparência branda que os contenta:  
Dão os prémios, de Aiace merecidos,  
À língua vã de Ulisses, fraudulenta.  
Mas vingo-me: que os bens mal repartidos  
Por quem só doces sombras apresenta,  
Se não os dão a sábios cavaleiros,  
Dão-os logo a avarentos lisonjeiros.

- 25 «Mas tu, de quem ficou tão mal pagado  
Um tal vassalo, ó Rei, só nisto inico,  
Se não és pera dar-lhe honroso estado,  
É ele pera dar-te um Reino rico.  
Enquanto for o mundo rodeado  
Dos Apolíneos raios, eu te fico  
Que ele seja entre a gente ilustre e claro,  
E tu nisto culpado por avaro.
- 26 «Mas eis outro (cantava) intitulado  
Vem com nome real e traz consigo  
O filho, que no mar será ilustrado,  
Tanto como qualquer Romano antigo.  
Ambos darão com braço forte, armado,  
A Quíloa fértil, áspero castigo,  
Fazendo nela Rei leal e humano,  
Deitado fora o pérfido tirano.
- 27 «Também farão Mombaça, que se arreia  
De casas sumptuosas e edificios,  
Co ferro e fogo seu queimada e feia,  
Em pago dos passados maleficios.  
Despois, na costa da Índia, andando cheia  
De lenhos inimigos e artificios  
Contra os Lusos, com velas e com remos  
O mancebo Lourenço fará extremos.

- 28 «Das grandes naus do Samorim potente,  
Que encherão todo o mar, co a férrea pela,  
Que sai com trovão do cobre ardente,  
Fará pedaços leme, masto, vela.  
Despois, lançando arpéus ousadamente  
Na capitaina imiga, dentro nela  
Saltando o fará só com lança e espada  
De quatrocentos Mouros despejada.
- 29 «Mas de Deus a escondida providência  
(Que ela só sabe o bem de que se serve)  
O porá onde esforço nem prudência  
Poderá haver que a vida lhe reserve.  
Em Chaúl, onde em sangue e resistência  
O mar todo com fogo e ferro ferve,  
Lhe farão que com vida se não saia  
As armadas de Egipto e de Cambaia.
- 30 «Ali o poder de muitos inimigos  
(Que o grande esforço só com força rende),  
Os ventos que faltaram, e os perigos  
Do mar, que sobejaram, tudo o ofende.  
Aqui ressurjam todos os Antigos,  
A ver o nobre ardor que aqui se aprende:  
Outro Ceva verão, que, espedaçado,  
Não sabe ser rendido nem domado.

- 31 «Com toda a coxa fora, que em pedaços  
Lhe leva um cego tiro que passara,  
Se serve inda dos animosos braços  
E do grão coração que lhe ficara.  
Até que outro pelouro quebra os laços  
Com que co alma o corpo se liara:  
Ela, solta, voou da prisão fora  
Onde súbito se acha vencedora.
- 32 «Vai-te, alma, em paz, da guerra turbulenta,  
Na qual tu mereceste paz serena!  
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,  
Quem o gerou, vingança já lhe ordena:  
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,  
Que vem já dar a dura e eterna pena,  
De esperas, basiliscos e trabucos,  
A Cambaicos cruéis e Mamelucos.
- 33 «Eis vem o pai, com ânimo estupendo,  
Trazendo fúria e mágoa por antolhos,  
Com que o paterno amor lhe está movendo  
Fogo no coração, água nos olhos.  
A nobre ira lhe vinha prometendo  
Que o sangue fará dar pelos giolhos  
Nas inimigas naus; senti-lo-á o Nilo,  
Podê-lo-á o Indo ver e o Gange ouvi-lo.

- 34 «Qual o touro cioso, que se ensaia  
Pera a crua peleja, os cornos tenta  
No tronco dum carvalho ou alta faia  
E, o ar ferindo, as forças experimenta:  
Tal, antes que no seio de Cambaia  
Entre Francisco irado, na opulenta  
Cidade de Dabul a espada afia,  
Abaxando-lhe a tímida ousadia.
- 35 «E logo, entrando fero na enseada  
De Dio, ilustre em cercos e batalhas,  
Fará espalhar a fraca e grande armada  
De Calecu, que remos tem por malhas.  
A de Melique laz, acautelada,  
Cos pelouros que tu, Vulcano, espalhas,  
Fará ir ver o frio e fundo assento,  
Secreto leito do húmido elemento.
- 36 «Mas a de Mir Hocém, que, abalroando,  
A fúria esperará dos vingadores,  
Verá braços e pernas ir nadando  
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores.  
Raios de fogo irão representando,  
No cego ardor, os bravos domadores.  
Quanto ali sentirão olhos e ouvidos  
É fumo, ferro, flamas e alaridos.

- 37 «Mas ah, que desta próspera vitória,  
Com que depois virá ao pátrio Tejo,  
Quási lhe roubará a famosa glória  
Um sucesso, que triste e negro vejo!  
O Cabo Tormentório, que a memória  
Cos ossos guardará, não terá pejo  
De tirar deste mundo aquele esprito,  
Que não tiraram toda a Índia e Egipto.
- 38 «Ali, Cafres selvagens poderão  
O que destros imigos não puderam;  
E rudos paus tostados sós farão  
O que arcos e pelouros não fizeram.  
Ocultos os juízos de Deus são;  
As gentes vãs, que não nos entenderam,  
Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,  
Sendo só providência de Deus pura.
- 39 «Mas oh, que luz tamanha que abrir sinto  
(Dizia a Ninfa, e a voz alevantava)  
Lá no mar de Melinde, em sangue tinto  
Das cidades de Lamo, de Oja e Brava,  
Pelo Cunha também, que nunca extinto  
Será seu nome em todo o mar que lava  
As ilhas do Austro, e praias que se chamam  
De São Lourenço, e em todo o Sul se afamam!

- 40 «Esta luz é do fogo e das luzentes  
Armas com que Albuquerque irá amansando  
De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,  
Que refusam o jugo honroso e brando.  
Ali verão as setas estridentes  
Reciprocár-se, a ponta no ar virando  
Contra quem as tirou; que Deus peleja  
Por quem estende a fé da Madre Igreja.
- 41 «Ali do sal os montes não defendem  
De corrupção os corpos no combate,  
Que mortos pela praia e mar se estendem  
De Gerum, de Mazcate e Calaiate;  
Até que à força só de braço aprendem  
A abaxar a cerviz, onde se lhe ate  
Obrigaçào de dar o reino inico  
Das perlas de Barém tributo rico.
- 42 «Que gloriosas palmas tecer vejo  
Com que Vitória a frente lhe coroa,  
Quando, sem sombra vã de medo ou pejo,  
Toma a ilha ilustríssima de Goa!  
Despois, obedecendo ao duro ensejo,  
A deixa, e ocasião espera boa  
Com que a torne a tomar, que esforço e arte  
Vencerão a Fortuna e o próprio Marte.

- 43 «Eis já sobr' ela torna e vai rompendo  
Por muros, fogo, lanças e pelouros,  
Abrindo com a espada o espesso e horrendo  
Esquadrão de Gentios e de Mouros.  
Irão soldados ínclitos fazendo  
Mais que liões famélicos e touros,  
Na luz que sempre celebrada e dina  
Será da Egípcia Santa Caterina.
- 44 «Nem tu menos fugir poderás deste,  
Posto que rica e posto que assentada  
Lá no grémio da Aurora, onde naceste,  
Opulenta Malaca nomeada.  
As setas venenosas que fizeste,  
Os crises com que já te vejo armada,  
Malaios namorados, Jaus valentes,  
Todos farás ao Luso obedientes.»
- 45 Mais estanças cantara esta Sirena  
Em louvor do ilustríssimo Albuquerque,  
Mas alembrou-lhe ũa ira que o condena,  
Posto que a fama sua o mundo cerque.  
O grande Capitão, que o fado ordena  
Que com trabalhos glória eterna merque,  
Mais há-de ser um brando companheiro  
Pera os seus, que juiz cruel e inteiro.

- 46 Mas em tempo que fomes e asperezas,  
Doenças, frechas e trovões ardentes,  
A sazão e o lugar, fazem cruezas  
Nos soldados a tudo obedientes,  
Parece de selváticas brutezas,  
De peitos inumanos e insolentes,  
Dar extremo suplício pela culpa  
Que a fraca humanidade e Amor desculpa.
- 47 Não será a culpa abominoso incesto  
Nem violento estupro em virgem pura,  
Nem menos adultério desonesto,  
Mas cúa escrava vil, lasciva e escura.  
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,  
Ou de usado a crueza fera e dura,  
Cos seus úa ira insana não refreia,  
Põe, na fama alva, noda negra e feia.
- 48 Viu Alexandre Apeles namorado  
Da sua Campaspe, e deu-lha alegremente,  
Não sendo seu soldado experimentado,  
Nem vendo-se num cerco duro e urgente.  
Sentiu Ciro que andava já abrasado  
Araspas, de Panteia, em fogo ardente,  
Que ele tomara em guarda, e prometia  
Que nenhum mau desejo o venceria;

49 Mas, vendo o ilustre Persa que vencido  
Fora de Amor, que, enfim, não tem defesa,  
Levemente o perdoa, e foi servido  
Dele num caso grande, em recompensa.  
Per força, de Judita foi marido  
O férreo Balduino; mas dispensa  
Carlos, pai dela, posto em cousas grandes,  
Que viva e povoador seja de Frandes.

50 Mas, prosseguindo a Ninfa o longo canto,  
De Soares cantava, que as bandeiras  
Faria tremular e pôr espanto  
Pelas roxas Arábicas ribeiras:  
— «Medina abominável teme tanto,  
Quanto Meca e Gidá co as derradeiras  
Praias de Abássia; Barborá se teme  
Do mal de que o empório Zeila geme.

51 «A nobre ilha também de Taprobana,  
Já pelo nome antigo tão famosa  
Quanto agora soberba e soberana  
Pela cortiça cálida, cheirosa,  
Dela dará tributo à Lusitana  
Bandeira, quando, excelsa e gloriosa,  
Vencendo se erguerá na torre erguida,  
Em Columbo, dos próprios tão temida.

- 52 «Também Sequeira, as ondas Eritreias  
Dividindo, abrirá novo caminho  
Pera ti, grande Império, que te arreias  
De seres de Candace e Sabá ninho.  
Maçuá, com cisternas de água cheias  
Verá, e o porto Arquico, ali vizinho;  
E fará descobrir remotas Ilhas,  
Que dão ao mundo novas maravilhas.
- 53 «Virá depois Meneses, cujo ferro  
Mais na África, que cá, terá provado;  
Castigará de Ormuz soberba o erro,  
Com lhe fazer tributo dar dobrado.  
Também tu, Gama, em pago do desterro  
Em que estás e serás inda tornado,  
Cos títulos de Conde e d' honras nobres  
Virás mandar a terra que descobres.
- 54 «Mas aquela fatal necessidade  
De quem ninguém se exime dos humanos,  
Ilustrado co a Régia dignidade,  
Te tirará do mundo e seus enganós.  
Outro Meneses logo, cuja idade  
É maior na prudência que nos anos,  
Governará; e fará o ditoso Henrique  
Que perpétua memória dele fique.

- 55 «Não vencerá somente os Malabares,  
Destruindo Panane com Coulete,  
Cometendo as bombardas, que, nos ares,  
Se vingam só do peito que as comete;  
Mas com virtudes, certo, singulares,  
Vence os imigos d' alma todos sete;  
De cobiça triunfa e incontidência,  
Que em tal idade é suma de excelência.
- 56 «Mas, depois que as Estrelas o chamarem,  
Sucederás, ó forte Mascarenhas;  
E, se injustos o mando te tomarem,  
Prometo-te que fama eterna tenhas.  
Pera teus inimigos confessarem  
Teu valor alto, o fado quer que venhas  
A mandar, mais de palmas coroado,  
Que de fortuna justa acompanhado.
- 57 «No reino de Bintão, que tantos danos  
Terá a Malaca muito tempo feitos,  
Num só dia as injúrias de mil anos  
Vingarás, co valor de ilustres peitos.  
Trabalhos e perigos inumanos,  
Abrolhos férreos mil, passos estreitos,  
Tranqueiras, baluartes, lanças, setas:  
Tudo fico que rompas e sometas.

- 58 «Mas na Índia, cobiça e ambição,  
Que claramente põem aberto o rosto  
Contra Deus e Justiça, te farão  
Vitupério nenhum, mas só desgosto.  
Quem faz injúria vil e sem razão,  
Com forças e poder em que está posto,  
Não vence; que a vitória verdadeira  
É saber ter justiça nua e inteira.
- 59 «Mas, contudo, não nego que Sampaio  
Será, no esforço, ilustre e assinalado,  
Mostrando-se no mar um fero raio,  
Que de inimigos mil verá coalhado.  
Em Bacanor fará cruel ensaio  
No Malabar, pera que, amedrontado  
Despois a ser vencido dele venha  
Cutiale, com quanta armada tenha.
- 60 «E não menos de Dio a fera frota,  
Que Chaúl temerá, de grande e ousada,  
Fará, co a vista só, perdida e rota,  
Por Heitor da Silveira e destroçada;  
Por Heitor Português, de quem se nota  
Que na costa Cambaica, sempre armada,  
Será aos Guzarates tanto dano,  
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

- 61 «A Sampaio feroz sucederá  
Cunha, que longo tempo tem o leme:  
De Chale as torres altas erguerá,  
Enquanto Dio ilustre dele treme;  
O forte Baçaim se lhe dará,  
Não sem sangue, porém, que nele geme  
Melique, porque à força só de espada  
A tranqueira soberba vê tomada.
- 62 «Trás este vem Noronha, cujo auspício  
De Dio os Rumes feros afugenta;  
Dio, que o peito e bélico exercício  
De António da Silveira bem sustenta.  
Fará em Noronha a morte o usado ofício,  
Quando um teu ramo, ó Gama, se exprimenta  
No governo do Império, cujo zelo  
Com medo o Roxo Mar fará amarelo.
- 63 «Das mãos do teu Estêvão vem tomar  
As rédeas um, que já será ilustrado  
No Brasil, com vencer e castigar  
O pirata Francês, ao mar usado.  
Despois, Capitão-mor do Índico mar,  
O muro de Damão, soberbo e armado,  
Escala e primeiro entra a porta aberta,  
Que fogo e frechas mil terão coberta.

- 64 «A este o Rei Cambaico soberbíssimo  
Fortaleza dará na rica Dio,  
Por que contra o Mogor poderosíssimo  
Lhe ajude a defender o senhorio.  
Depois irá com peito esforçadíssimo  
A tolher que não passe o Rei gentio  
De Calecu, que assi com quantos veio  
O fará retirar, de sangue cheio.
- 65 «Destruirá a cidade Repelim,  
Pondo o seu Rei, com muitos, em fugida;  
E depois, junto ao Cabo Comorim,  
Ūa façanha faz esclarecida:  
A frota principal do Samorim,  
Que destruir o mundo não duvida,  
Vencerá co furor do ferro e fogo;  
Em si verá Beadala o Márcio jogo.
- 66 «Tendo assi limpa a Índia dos imigos,  
Virá depois com ceptro a governá-la  
Sem que ache resistência nem perigos,  
Que todos tremem dele e nenhum fala.  
Só quis provar os ásperos castigos  
Baticalá, que vira já Beadala.  
De sangue e corpos mortos ficou cheia  
E de fogo e trovões desfeita e feia.

67 «Este será Martinho, que de Marte  
O nome tem co as obras derivado;  
Tanto em armas ilustre em toda parte,  
Quanto, em conselho, sábio e bem cuidado.  
Suceder-lhe-á ali Castro, que o estandarte  
Português terá sempre levantado,  
Conforme sucessor ao sucedido,  
Que um ergue Dio, outro o defende erguido.

68 «Persas ferozes, Abassis e Rumes,  
Que trazido de Roma o nome têm,  
Vários de gestos, vários de costumes  
(Que mil nações ao cerco feras vêm),  
Farão dos Céus ao mundo vãos queixumes  
Porque uns poucos a terra lhe detêm.  
Em sangue Português, juram, descridos,  
De banhar os bigodes retorcidos.

69 «Basiliscos medonhos e liões,  
Trabucos feros, minas encobertas,  
Sustenta Mascarenhas cos barões  
Que tão ledos as mortes têm por certas;  
Até que, nas maiores opressões,  
Castro libertador, fazendo ofertas  
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem  
Com fama eterna e a Deus se sacrifiquem.

- 70 «Fernando, um deles, ramo da alta pranta,  
Onde o violento fogo, com ruído,  
Em pedaços os muros no ar levanta,  
Será ali arrebatado e ao Céu subido.  
Álvaro, quando o Inverno o mundo espanta  
E tem o caminho húmido impedido,  
Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,  
Os ventos e depois os inimigos.
- 71 «Eis vem depois o pai, que as ondas corta  
Co restante da gente Lusitana,  
E com força e saber, que mais importa,  
Batalha dá felice e soberana.  
Uns, paredes subindo, escusam porta;  
Outros a abrem na fera esquadra insana.  
Feitos farão tão dinos de memória  
Que não caibam em verso ou larga história.
- 72 «Este, depois, em campo se apresenta,  
Vencedor forte e intrépido, ao possante  
Rei de Cambaia e a vista lhe amedrenta  
Da fera multidão quadrupedante.  
Não menos suas terras mal sustenta  
O Hidalcão, do braço triunfante  
Que castigando vai Dabul na costa;  
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

- 73 «Estes e outros Barões, por várias partes,  
Dinos todos de fama e maravilha,  
Fazendo-se na terra bravos Martes,  
Virão lograr os gostos desta Ilha,  
Varrendo triunfantes estandartes  
Pelas ondas que corta a aguda quilha;  
E acharão estas Ninfas e estas mesas,  
Que glórias e honras são de árduas empresas.»
- 74 Assi cantava a Ninfa; e as outras todas,  
Com sonoro aplauso, vozes davam,  
Com que festejam as alegres vodas  
Que com tanto prazer se celebravam.  
— «Por mais que da Fortuna andem as rodas  
(Nũa cónsona voz todas soavam),  
Não vos hão-de faltar, gente famosa,  
Honra, valor e fama gloriosa.»
- 75 Depois que a corporal necessidade  
Se satisfez do mantimento nobre,  
E na harmonia e doce suavidade  
Viram os altos feitos que descobre,  
Tétis, de graça ornada e gravidade,  
Pera que com mais alta glória dobre  
As festas deste alegre e claro dia,  
Pera o felice Gama, assi dizia:

- 76 — «Faz-te mercê, barão, a Sapiência  
Suprema de, cos olhos corporais,  
Veres o que não pode a vã ciência  
Dos errados e míseros mortais.  
Sigue-me firme e forte, com prudência,  
Por este monte espesso, tu cos mais.»  
Assi lhe diz e o guia por um mato  
Árduo, difícil, duro a humano trato.
- 77 Não andam muito que no erguido cume  
Se acharam, onde um campo se esmaltava  
De esmeraldas, rubis, tais que presume  
A vista que divino chão pisava.  
Aqui um globo vêm no ar, que o lume  
Claríssimo por ele penetrava,  
De modo que o seu centro está evidente,  
Como a sua superfície, claramente.
- 78 Qual a matéria seja não se enxerga,  
Mas enxerga-se bem que está composto  
De vários orbes, que a Divina verga  
Compôs, e um centro a todos só tem posto.  
Volvendo, ora se abaxe, agora se erga,  
Nunca s' ergue ou se abaxa, e um mesmo rosto  
Por toda a parte tem; e em toda a parte  
Começa e acaba, enfim, por divina arte,

- 79 Uniforme, perfeito, em si sustido,  
Qual, enfim, o Arquetipo que o criou.  
Vendo o Gama este globo, comovido  
De espanto e de desejo ali ficou.  
Diz-lhe a Deusa: — «O transunto, reduzido  
Em pequeno volume, aqui te dou  
Do Mundo aos olhos teus, pera que vejas  
Por onde vás e irás e o que desejas.
- 80 «Vês aqui a grande máquina do Mundo,  
Etérea e elemental, que fabricada  
Assi foi do Saber, alto e profundo,  
Que é sem princípio e meta limitada.  
Quem cerca em derredor este rotundo  
Globo e sua superfície tão limada,  
É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,  
Que a tanto o engenho humano não se estende.
- 81 «Este orbe que, primeiro, vai cercando  
Os outros mais pequenos que em si tem,  
Que está com luz tão clara radiando  
Que a vista cega e a mente vil também,  
Empíreo se nomeia, onde logrando  
Puras almas estão daquele Bem  
Tamanho, que ele só se entende e alcança,  
De quem não há no mundo semelhança.

- 82 «Aqui, só verdadeiros, gloriosos  
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,  
Júpiter, Juno, fomos fabulosos,  
Fingidos de mortal e cego engano.  
Só pera fazer versos deleitosos  
Servimos; e, se mais o trato humano  
Nos pode dar, é só que o nome nosso  
Nestas estrelas pôs o engenho vosso.
- 83 «E também, porque a santa Providência,  
Que em Júpiter aqui se representa,  
Por espíritos mil que têm prudência  
Governa o Mundo todo que sustenta  
(Ensina-lo a profética ciência,  
Em muitos dos exemplos que apresenta);  
Os que são bons, guiando, favorecem,  
Os maus, em quanto podem, nos empecem;
- 84 «Quer logo aqui a pintura que varia  
Agora deleitando, ora ensinando,  
Dar-lhe nomes que a antiga Poesia  
A seus Deuses já dera, fabulando;  
Que os Anjos de celeste companhia  
Deuses o sacro verso está chamando,  
Nem nega que esse nome preminente  
Também aos maus se dá, mas falsamente.

- 85 «Enfim que o Sumo Deus, que por segundas  
Causas obra no mundo, tudo manda.  
E tornando a contar-te das profundas  
Obras da Mão Divina veneranda,  
Debaxo deste círculo onde as mundas  
Almas divinas gozam, que não anda,  
Outro corre, tão leve e tão ligeiro  
Que não se enxerga: é o MóBILE primeiro.
- 86 «Com este rapto e grande movimento  
Vão todos os que dentro tem no seio;  
Por obra deste, o Sol, andando a tento,  
O dia e noite faz, com curso alheio.  
Debaxo deste leve, anda outro lento,  
Tão lento e sojugado a duro freio,  
Que enquanto Febo, de luz nunca escasso,  
Duzentos cursos faz, dá ele um passo.
- 87 «Olha estoutro debaxo, que esmaltado  
De corpos lisos anda e radiantes,  
Que também nele tem curso ordenado  
E nos seus axes correm cintilantes.  
Bem vês como se veste e faz ornado  
Co largo Cinto d' ouro, que estelantes  
Animais doze traz afigurados,  
Apousentos de Febo limitados.

- 88 «Olha por outras partes a pintura  
Que as Estrelas fulgentes vão fazendo:  
Olha a Carreta, atenta a Cinosura,  
Andrómeda e seu pai, e o Drago horrendo;  
Vê de Cassiopeia e fermosura  
E do Oriente o gesto turbulento;  
Olha o Cisne morrendo que suspira,  
A Lebre e os Cães, a Nau e a doce Lira.
- 89 «Debaxo deste grande Firmamento,  
Vês o céu de Saturno, Deus antigo;  
Júpiter logo faz o movimento,  
E Marte abaxo, bélico inimigo;  
O claro Olho do céu, no quarto assento,  
E Vénus, que os amores traz consigo;  
Mercúrio, de eloquência soberana;  
Com três rostos, debaxo vai Diana.
- 90 «Em todos estes orbes, diferente  
Curso verás, nuns grave e noutros leve;  
Ora fogem do Centro longamente,  
Ora da Terra estão caminho breve,  
Bem como quis o Padre omnipotente,  
Que o fogo fez e o ar, o vento e neve,  
Os quais verás que jazem mais a dentro  
E tem co Mar a Terra por seu centro.

- 91 «Neste centro, pousada dos humanos,  
Que não somente, ousados, se contentam  
De sofrerem da terra firme os danos,  
Mas inda o mar instável experimentam,  
Verás as várias partes, que os insanos  
Mares dividem, onde se apousentam  
Várias nações que mandam vários Reis,  
Vários costumes seus e várias leis.
- 92 «Vês Europa Cristã, mais alta e clara  
Que as outras em polícia e fortaleza.  
Vês África, dos bens do mundo avara,  
Inculca e toda cheia de bruteza;  
Co Cabo que até 'qui se vos negara,  
Que assentou pera o Austro a Natureza.  
Olha essa terra toda, que se habita  
Dessa gente sem Lei, quási infinita.
- 93 «Vê do Benomotapa o grande império,  
De selvática gente, negra e nua,  
Onde Gonçalo morte e vitupério  
Padecerá, pola Fé santa sua.  
Nace por este incógnito Hemisfério  
O metal por que mais a gente sua.  
Vê que do lado donde se derrama  
O Nilo, também vindo está Cuama.

- 94 «Olha as casas dos negros, como estão  
Sem portas, confiados, em seus ninhos,  
Na justiça real e defesa  
E na fidelidade dos vizinhos;  
Olha deles a bruta multidão,  
Qual bando espesso e negro de estorninhos,  
Combaterá em Sofala a fortaleza,  
Que defenderá Nhaia com destreza.
- 95 «Olha lá as alagoas donde o Nilo  
Nace, que não souberam os antigos;  
Vê-lo rega, gerando o crocodilo,  
Os povos Abassis, de Cristo amigos;  
Olha como sem muros (novo estilo)  
Se defendem melhor dos inimigos;  
Vê Méroe, que ilha foi de antiga fama,  
Que ora dos naturais Nobá se chama.
- 96 «Nesta remota terra um filho teu  
Nas armas contra os Turcos será claro;  
Há-de ser Dom Cristóvão o nome seu;  
Mas contra o fim fatal não há reparo.  
Vê cá a costa do mar, onde te deu  
Melinde hospício gasaloso e caro;  
O Rapto rio nota, que o romance  
Da terra chama Obi; entre em Quilmance.

- 97 «O Cabo vê já Arómata chamado,  
E agora Guardafú, dos moradores,  
Onde começa a boca do afamado  
Mar Roxo, que do fundo toma as cores;  
Este como limite está lançado  
Que divide Ásia de África; e as melhores  
Povoações que a parte África tem  
Maçúá são, Arquico e Suaquém.
- 98 «Vês o extremo Suez, que antigamente  
Dizem que foi dos Héroas a cidade  
(Outros dizem que Arsínoe), e ao presente  
Tem das frotas do Egipto a potestade.  
Olha as águas nas quais abriu patente  
Estrada o grão Mousés na antiga idade.  
Ásia começa aqui, que se apresenta  
Em terras grande, em reinos opulenta.
- 99 «Olha o monte Sinai, que se ennobrece  
Co sepulcro de Santa Caterina;  
Olha Toro e Gidá, que lhe falece  
Água das fontes, doce e cristalina;  
Olha as portas do Estreito, que fenece  
No reino da seca Ádem, que confina  
Com a serra d' Arzira, pedra viva,  
Onde chuva dos céus se não deriva.

- 100 «Olha as Arábias três, que tanta terra  
Tomam, todas da gente vaga e baça,  
Donde vêm os cavalos pera a guerra,  
Ligeiros e ferozes, de alta raça;  
Olha a costa que corre, até que cerra  
Outro Estreito de Pérsia, e faz a traça  
O Cabo que co nome se apelida  
Da cidade Fartaque, ali sabida.
- 101 «Olha Dófar, insigne porque manda  
O mais cheiroso incenso pera as aras;  
Mas atenta: já cá destoutra banda  
De Roçalgate, e praias sempre avaras,  
Começa o reino Ormuz, que todo se anda  
Pelas ribeiras que inda serão claras  
Quando as galés do Turco e fera armada  
Virem de Castelbranco nua a espada.
- 102 «Olha o Cabo Asaboro, que chamado  
Agora é Moçandão, dos navegantes;  
Por aqui entra o lago que é fechado  
De Arábia e Pérsias terras abundantes.  
Atenta a ilha Barém, que o fundo ornado  
Tem das suas perlas ricas, e imitantes  
À cor da Aurora; e vê na água salgada  
Ter o Tigris e Eufrates ùa entrada.

- 103 «Olha da grande Pérsia o império nobre.  
Sempre posto no campo e nos cavalos,  
Que se injuria de usar fundido cobre  
E de não ter das armas sempre os calos.  
Mas vê a ilha Gerum, como descobre  
O que fazem do tempo os intervalos,  
Que da cidade Armuza, que ali esteve,  
Ela o nome depois e a glória teve.
- 104 «Aqui de Dom Filipe de Meneses  
Se mostrará a virtude, em armas clara,  
Quando, com muito poucos Portugueses,  
Os muitos Párseos vencerá de Lara.  
Virão provar os golpes e reveses  
De Dom Pedro de Sousa, que provará  
Já seu braço em Ampaza, que deixada  
Terá por terra, à força só de espada.
- 105 «Mas deixemos o Estreito e o conhecido  
Cabo de Jasque, dito já Carpela,  
Com todo o seu terreno mal querido  
Da Natura e dos dões usados dela;  
Carmânia teve já por apelido.  
Mas vê o fermoso Indo, que daquela  
Altura nace, junto à qual, também  
Doutra altura correndo o Gange vem?

- 106 «Olha a terra de Ulcinde, fertilíssima,  
E de Jáquete a íntima enseada;  
Do mar a enchente súbita, grandíssima,  
E a vazante, que foge apressurada.  
A terra de Cambaia vê, riquíssima,  
Onde do mar o seio faz entrada;  
Cidades outras mil, que vou passando,  
A vós outros aqui se estão guardando.
- 107 «Vês corre a costa célebre Indiana  
Pera o Sul, até o Cabo Comori,  
Já chamado Cori, que Taprobana  
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si.  
Por este mar a gente Lusitana,  
Que com armas virá depois de ti,  
Terá vitórias, terras e cidades,  
Nas quais hão-de viver muitas idades.
- 108 «As províncias que entre um e o outro rio  
Vês, com várias nações, são infinitas:  
Um reino Mahometa, outro Gentio,  
A quem tem o Demónio leis escritas.  
Olha que de Narsinga o senhorio  
Tem as relíquias santas e benditas  
Do corpo de Tomé, barão sagrado,  
Que a Jesu Cristo teve a mão no lado.

- 109 «Aqui a cidade foi que se chamava  
Meliapor, fermosa, grande e rica;  
Os Ídolos antigos adorava,  
Como inda agora faz a gente inica.  
Longe do mar naquele tempo estava,  
Quando a Fé, que no mundo se pubrica,  
Tomé vinha prègando, e já passara  
Províncias mil do mundo, que ensinara.
- 110 «Chegado aqui, prègando e junto dando  
A doentes saúde, a mortos vida,  
Acaso traz um dia o mar, vagando,  
Um lenho de grandeza desmedida.  
Deseja o Rei, que andava edificando,  
Fazer dele madeira; e não duvida  
Poder tirá-lo a terra, com possantes  
Forças d' homens, de engenhos, de alifantes.
- 111 «Era tão grande o peso do madeiro  
Que, só pera abalar-se, nada abasta;  
Mas o núncio de Cristo verdadeiro  
Menos trabalho em tal negócio gasta:  
Ata o cordão que traz, por derradeiro,  
No tronco, e facilmente o leva e arrasta  
Pera onde faça um sumptuoso templo  
Que ficasse aos futuros por exemplo.

- 112 «Sabia bem que se com fé formada  
Mandar a um monte surdo que se mova,  
Que obedecerá logo à voz sagrada,  
Que assi lho ensinou Cristo e ele o prova.  
A gente ficou disto alvoraçada;  
Os Brâmenes o têm por cousa nova;  
Vendo os milagres, vendo a santidade,  
Hão medo de perder autoridade.
- 113 «São estes sacerdotes dos Gentios  
Em quem mais penetrado tinha enveja;  
Buscam maneiras mil, buscam desvios,  
Com que Tomé não se ouça, ou morto seja.  
O principal, que ao peito traz os fios,  
Um caso horrendo faz, que o mundo veja  
Que inimiga não há, tão dura e fera,  
Como a virtude falsa, da sincera.
- 114 «Um filho próprio mata, e logo acusa  
De homicídio Tomé, que era inocente;  
Dá falsas testemunhas, como se usa;  
Condenaram-no a morte brevemente.  
O Santo, que não vê melhor escusa  
Que apelar pera o Padre omnipotente,  
Quer, diante do Rei e dos senhores,  
Que se faça um milagre dos maiores.

- 115 «O corpo morto manda ser trazido,  
Que reslucite e seja perguntado  
Quem foi seu matador, e será crido  
Por testemunho, o seu, mais aprovado.  
Viram todos o moço vivo, erguido,  
Em nome de Jesu crucificado:  
Dá graças a Tomé, que lhe deu vida,  
E descobre seu pai ser homicida.
- 116 «Este milagre fez tamanho espanto  
Que o Rei se banha logo na água santa,  
E muitos após ele; um beija o manto,  
Outro louvor do Deus de Tomé canta.  
Os Brâmenes se encheram de ódio tanto,  
Com seu veneno os morde enveja tanta,  
Que, persuadindo a isso o povo rudo,  
Determinam matá-lo, em fim de tudo.
- 117 «Um dia que prègando ao povo estava,  
Fingiram entre a gente um arruído.  
(Já Cristo neste tempo lhe ordenava  
Que, padecendo, fosse ao Céu subido);  
A multidão das pedras que voava  
No Santo dá, já a tudo oferecido;  
Um dos maus, por faltar-se mais depressa,  
Com crua lança o peito lhe atravessa.

- 118 «Choraram-te, Tomé, o Gange e o Indo;  
Chorou-te toda a terra que pisaste;  
Mais te choram as almas que vestindo  
Se iam da santa Fé que lhe ensinaste.  
Mas os Anjos do Céu, cantando e rindo,  
Te recebem na glória que ganhaste.  
Pedimos-te que a Deus ajuda peças  
Com que os teus Lusitanos favoreças.
- 119 «E vós outros que os nomes usurpais  
De mandados de Deus, como Tomé,  
Dizei: se sois mandados, como estais  
Sem irdes a prègar a santa Fé?  
Olhai que, se sois Sal e vos danais  
Na pátria, onde profeta ninguém é,  
Com que se salgarão em nossos dias  
(Infiéis deixo) tantas heresias?
- 120 «Mas passo esta matéria perigosa  
E tornemos à costa debuxada.  
Já com esta cidade tão famosa  
Se faz curva a Gangética enseada;  
Corre Narsinga, rica e poderosa;  
Corre Orixá, de roupas abastada;  
No fundo da enseada, o ilustre rio  
Ganges vem ao salgado senhorio;

- 121 «Ganges, no qual os seus habitadores  
Morrem banhados, tendo por certeza  
Que, inda que sejam grandes pecadores,  
Esta água santa os lava e dá pureza.  
Vê Catigão, cidade das milhores  
De Bengala província, que se preza  
De abundante. Mas olha que está posta  
Pera o Austro, daqui virada, a costa.
- 122 «Olha o reino Arracão; olha o assento  
De Pegu, que já monstros povoaram,  
Monstros filhos do feio ajuntamento  
Dua mulher e um cão, que sós se acharam.  
Aqui soante arame no instrumento  
Da geração costumam, o que usaram  
Por manha da Rainha que, inventando  
Tal uso, deitou fora o error nefando.
- 123 «Olha Tavai cidade, onde começa  
De Sião largo o império tão comprido;  
Tenassari, Quedá, que é só cabeça  
Das que pimenta ali têm produzido.  
Mais avante fareis que se conheça  
Malaca por empório ennobrecido,  
Onde toda a província do mar grande  
Suas mercadorias ricas mande.

- 124 «Dizem que desta terra co as possantes  
Ondas o mar, entrando, dividiu  
A nobre ilha Samatra, que já d' antes  
Juntas ambas a gente antiga viu.  
Quersoneso foi dita; e das prestantes  
Veias d' ouro que a terra produziu,  
'Áurea' por epíteto lhe ajuntaram;  
Alguns que fosse Ofir imaginaram.
- 125 «Mas, na ponta da terra, Cingapura  
Verás, onde o caminho às naus se estreita;  
Daqui tornando a costa à Cinosura,  
Se encurva e pera a Aurora se endireita.  
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura  
De Sião, que estes e outros mais sujeita;  
Olha o rio Menão, que se derrama  
Do grande lago que Chiamai se chama.
- 126 «Vês neste grão terreno os diferentes  
Nomes de mil nações, nunca sabidas:  
Os Laos, em terra e número potentes;  
Avás, Bramás, por serras tão compridas;  
Vê nos remotos montes outras gentes,  
Que Gueos se chamam, de selvages vidas;  
Humana, carne comem, mas a sua  
Pintam com ferro ardente, usança crua.

- 127 «Vês, passa por Camboja Mecom rio,  
Que capitão das águas se interpreta;  
Tantas recebe d' outro só no Estio,  
Que alaga os campos largos e inquieta;  
Tem as enchentes quais o Nilo frio;  
A gente dele crê, como indiscreta,  
Que pena a glória têm, depois de morte,  
Os brutos animais de toda sorte.
- 128 «Este receberá, plácido e brando,  
No seu regaço os Cantos que molhados  
Vêm do naufrágio triste e miserando,  
Dos procelosos baxos escapados,  
Das fomes, dos perigos grandes, quando  
Será o injusto mando executado  
Naquele cuja Lira sonora  
Será mais afamada que ditosa.
- 129 «Vês, corre a costa que Champá se chama,  
Cuja mata é do pau cheiroso ornada;  
Vês Cauchichina está, de escura fama,  
E de Ainão vê a incógnita enseada;  
Aqui o soberbo Império, que se afama  
Com terras e riqueza não cuidada,  
Da China corre, e ocupa o senhorio  
Desde o Trópico ardente ao Cinto frio.

- 130 «Olha o muro e edifício nunca crido,  
Que entre um império e o outro se edifica,  
Certíssimo sinal, e conhecido,  
Da potência real, soberba e rica.  
Estes, o Rei que têm, não foi nacido  
Príncipe, nem dos pais aos filhos fica,  
Mas elegem aquele que é famoso  
Por cavaleiro, sábio e virtuoso.
- 131 «Inda outra muita terra se te esconde  
Até que venha o tempo de mostrar-se;  
Mas não deixes no mar as Ilhas onde  
A Natureza quis mais afamar-se:  
Esta, meia escondida, que responde  
De longe à China, donde vem buscar-se,  
É Japão, onde nace a prata fina,  
Que ilustrada será co a Lei divina.
- 132 «Olha cá pelos mares do Oriente  
As infinitas Ilhas espalhadas:  
Vê Tidore e Ternate, co fervente  
Cume, que lança as flamas ondeadas.  
As árvores verás do cravo ardente,  
Co sangue Português inda compradas.  
Aqui há as áureas aves, que não decem  
Nunca à terra e só mortas aparecem.

133 «Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltam  
Da vária cor que pinta o roxo fruto;  
As aves variadas, que ali saltam,  
Da verde noz tomando seu tributo.  
Olha também Bornéu, onde não faltam  
Lágrimas no licor coalhado e enxuto  
Das árvores, que cânfora é chamado,  
Com que da Ilha o nome é celebrado.

134 «Ali também Timor, que o lenho manda  
Sândalo, salutífero e cheiroso;  
Olha a Sunda, tão larga que ùa banda  
Esconde pera o Sul dificultoso;  
A gente do Sertão, que as terras anda,  
Um rio diz que tem miraculoso,  
Que, por onde ele só, sem outro, vai,  
Converte em pedra o pau que nele cai.

135 «Vê naquela que o tempo tornou Ilha,  
Que também flamas trémulas vapora,  
A fonte que óleo mana, e a maravilha  
Do cheiroso licor que o tronco chora,  
— Cheiroso, mais que quanto estila a filha  
De Ciniras na Arábia, onde ela mora;  
E vê que, tendo quanto as outras têm,  
Branda seda e fino ouro dá também.

- 136 «Olha, em Ceilão, que o monte se alevanta  
Tanto que as nuvens passa ou a vista engana;  
Os naturais o têm por cousa santa,  
Pola pedra onde está a pègada humana.  
Nas ilhas de Maldiva nace a pranta  
No profundo das águas, soberana,  
Cujo pomo contra o veneno urgente  
É tido por antídoto excelente.
- 137 «Verás defronte estar do Roxo Estreito  
Socotorá, co amaro aloé famosa;  
Outras ilhas, no mar também sujeito  
A vós, na costa de África arenosa,  
Onde sai do cheiro mais perfeito  
A massa, ao mundo oculta e preciosa.  
De São Lourenço vê a Ilha afamada,  
Que Madagáscar é dalguns chamada.
- 138 «Eis aqui as novas partes do Oriente  
Que vós outros agora ao mundo dais,  
Abrindo a porta ao vasto mar patente,  
Que com tão forte peito navegais.  
Mas é também razão que, no Ponente,  
Dum Lusitano um feito inda vejais,  
Que, de seu Rei mostrando-se agravado,  
Caminho há-de fazer nunca cuidado.

- 139 «Vedes a grande terra que continua  
Vai de Calisto ao seu contrário Pólo,  
Que soberba a fará a luzente mina  
Do metal que a cor tem do louro Apolo.  
Castela, vossa amiga, será dina  
De lançar-lhe o colar ao rudo colo.  
Várias províncias tem de várias gentes,  
Em ritos e costumes, diferentes.
- 140 «Mas cá onde mais se alarga, ali tereis  
Parte também, co pau vermelho nota;  
De Santa Cruz o nome lhe poreis;  
Descobri-la-á a primeira vossa frota.  
Ao longo desta costa, que tereis,  
Irá buscando a parte mais remota  
O Magalhães, no feito, com verdade,  
Português, porém não na lealdade.
- 141 «Dês que passar a via mais que meia  
Que ao Antártico Pólo vai da Linha,  
Dua estatura quási giganteia  
Homens verá, da terra ali vizinha;  
E mais avante o Estreito que se arreja  
Co nome dele agora, o qual caminha  
Pera outro mar e terra que fica onde  
Com suas frias asas o Austro a esconde.

- 142 «Até 'qui Portugueses concedido  
Vos é saberdes os futuros feitos  
Que, pelo mar que já deixais sabido,  
Virão fazer barões de fortes peitos.  
Agora, pois que tendes aprendido  
Trabalhos que vos façam ser aceitos  
Às eternas esposas e fermosas,  
Que coroas vos tecem gloriosas,
- 143 «Podeis-vos embarcar, que tendes vento  
E mar tranquilo, pera a pátria amada.»  
Assi lhe disse; e logo movimento  
Fazem da Ilha alegre e namorada.  
Levam refresco e nobre mantimento;  
Levam a companhia desejada  
Das Ninfas, que háo-de ter eternamente,  
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

LUÍS DE CAMÕES  
 OS LUSÍADAS  
**ILHA DOS AMORES**

De longe a Ilha viram, fresca e bela,

Que Venus pelas ondas Iha levava

(Bem como o vento leva branca vela)

Pera onde a forte armada se enxergava

3

Apelo



Patrocinadas

